

Jardins coloniais brasileiros, lugares do útil ao agradável

Colonial brazilian gardens, from pleasant to useful places

MARCELO ALMEIDA OLIVEIRA

Doutor em Arquitetura Paisagística pela Universidade de Évora (Portugal)
Investigador do Centro de Estudos da População Economia e Sociedade (CEPESE/Portugal)
Analista Ambiental do Instituto Estadual de Florestas (IEF/Minas Gerais/Brazil)

Phd Degree in Landscape Architect of the Évora University
Researcher at the Centro de Estudos da População Economia e Sociedade (Center of Population Economy and Society Studies) – CEPESE/Portugal
Environmental Analyst of the Instituto Estadual de Florestas (State Institute of Forests) – IEF/Minas Gerais/Brazil

RESUMO Com a crescente valorização de questões ligadas à identidade cultural e à proteção do patrimônio urbano, observa-se o interesse dos arquitetos pela morfologia da cidade tradicional, o que envolve o entendimento da relação homem e natureza. Essa compreensão é de fundamental importância, tendo-se em vista a necessidade da preservação de lugares como os antigos núcleos de Olinda e Ouro Preto. No geral, esses lugares eram assentamentos integrados ao meio natural, onde as manchas verdes se mostravam essenciais para o ordenamento dos complexos construídos.

PALAVRAS-CHAVE Olinda, Ouro Preto, patrimônio paisagístico, patrimônio urbano, patrimônio cultural e jardins coloniais.

ABSTRACT Architects' interest in the traditional city's morphology is increasing due to the growth in appreciation of issues linked to cultural identity and the protection of urban heritage. This involves an understanding of the relationship between man and nature. Such comprehension is fundamentally important taking into account the need to preserve such places as the old cities of Olinda and Ouro Preto. In general, these settlements were integrated into their natural environment, where the green areas were essential in the constructions' planning.

KEYWORDS Olinda, Ouro Preto, landscaping heritage, urban heritage, cultural heritage, colonial gardens.

Na atualidade, é cada vez mais patente a falta de conhecimento a respeito das tradições herdadas. Nas cidades brasileiras, os espaços abertos, sobretudo os de caráter privado, têm sido tratados como anexos de edificações, sobras de terra que não foram desmembradas e ocupadas, como intervenções descoladas de um contexto cultural ou ainda como se fossem meros panos de fundo para a manutenção cênica de monumentos arquitetônicos, principalmente os de reconhecido valor artístico e histórico. É como se nada pudessem expressar além da função de enquadramento que lhes cabe. A natureza recriada nos jardins, nas hortas e nos pomares é geralmente entendida como se estivesse congelada no tempo, desvinculada de qualquer processo de construção da paisagem e de sua relação com os antigos moradores. No geral, hortas e pomares não são entendidos como manifestações culturais de valor patrimonial.

Muitas informações que poderiam ser elucidativas a respeito do tema se perderam, por conta das sucessivas depredações nos conjuntos arquitetônicos e da dispersão por arquivos e bibliotecas; mas o importante é compreender que, além de registros históricos, existem caminhos alternativos que podem suprir as lacunas de conhecimento. Através da observação de culturas compartilhadas entre Brasil e Portugal, é possível identificar concepções, valores, visões de natureza que influenciaram a criação dos jardins coloniais, objeto de interesse deste artigo.

As hortas e os pomares, além de locais de produção, proporcionavam lazer ou ócio a seus utentes. Eram lugares significativos, que ajudavam a pontuar a memória coletiva, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e a sociabilidade nos aglomerados urbanos, como acontece até hoje em trechos dos antigos núcleos de Olinda [Figs. 1 e 2] e Ouro Preto. Nesses locais, o ócio manifestava-se. O termo foi mal interpretado por estrangeiros e pela própria historiografia. Comumente, percebia-se o citado estado de espírito através da imagem da preguiça, por demais redutora para justificar o comportamento de utentes dos espaços abertos. Diante de atributos da natureza, as pessoas rendiam-se instintivamente às ambiências locais, onde as sensações eram despertadas e os sentidos aguçados, principalmente em períodos de safras, quando os frutos podiam ser colhidos e/ou saboreados aos pés de árvores e arbustos. As situações de lazer, ócio, prazer e/ou recreio faziam parte da mesma realidade de lugares voltados à produção de subsistência. Assim, cultivavam-se determinadas espécies vegetais, valorizadas por suas qualidades estéticas ou

Nowadays, our lack of knowledge on our inherited traditions is increasingly evident. Open spaces in Brazilian cities, mainly those in private hands, have been treated like the appendages of buildings, as if they were leftovers of land that have not been cut out and occupied. As if they were interventions separated from a cultural context. Or, even, as if they were mere backdrops in a scenic composition of architectural monuments, principally those recognized for their artistic and historic value. It is as though they could not express anything beyond their function as a framework. Nature, recreated in gardens, vegetable gardens and orchards is generally understood as if it were frozen in time, unlinked to any process that built the landscape and separated from its relationship to long-established inhabitants. Generally, gardens and orchards are not considered as cultural manifestations in our heritage.

A lot of information that could be elucidative regarding the object of this article has been lost due to successive depredations of architectural complexes; other information is found in small pieces in different files and libraries. However, the important thing is to understand that, beyond historic registers, there are alternative paths, which may help fill in the blanks in knowledge. It is possible to identify conceptions, values, views on nature that influenced the creation of colonial gardens, which are the object of this article, through the observation of the culture shared between Brazil and Portugal.

Gardens and orchards, besides being places for production, propitiated free time activities or leisure to their users. They were places of significance. They helped punctuate their collective memory, thus contributing to improve the quality of life and sociability in urban centers, the same as they do today in parts of the ancient centers of Olinda [Ill. 1 and 2] and Ouro Preto.

Leisure manifested itself in these places. The word itself has been mistakenly interpreted by foreigners and also in history. The mentioned state of spirit has been oftentimes pictured as laziness, which oversimplifies users' behavior in those open spaces. Gazing on nature's attributes, people instinctively surrendered to their local surroundings. There, sensations were aroused and the senses were sharpened, mainly at harvest time when fruits could be collected and/or savored under the trees and bushes. Free time, leisure, pleasure and/or recreation situations were part of the reality of places linked to subsistence production. In this way, they cultivated

determined vegetable species, which were valued by their esthetic qualities, or they even built some artifices such as: small vegetable beds, water wells, trellises, and ornamental and irrigation tanks. These things made the gardens, vegetable gardens and orchards attractive. Beauty and utility, pleasure and work, all were part of the existence of open spaces inserted into the urban texture.

Gardens, vegetable gardens and orchards constituted true cultural, esthetic and utilitarian complexes, where form, function and construction techniques became inseparable and each part and element had a reason for being. Such places in Brazilian settlements were articulated and contributed to the consolidation of structures and fabrics. Existing complexes reflected their owners' (who showed themselves to be, most of the time, worried with the preservation of natural resources) interpretative capacity. This resulted in the most diverse spatialities.

We believe it seems worthwhile to point out the concept of nature in the Lusitanian culture, which served as a basis to materialize the different types of horticultural plots in the colonial cities fabric. In this way, notions of abundance, pleasantness and fertility made themselves present in the gardens, vegetable gardens and orchards in the Brazilian landscape, in the *urbe's* suburbs as well as in their interior. These notions were expressed many times in reports, particularly in the first letters of Jesuits priests. The landscape was regarded as an Eden, blessed by the Creator's hand.¹

Nature was viewed as an Eternal Spring due to the great abundance of available foodstuffs and favorable weather conditions, which helped man's subsistence without demanding too much effort. This notion was also present in the imagination of the colonial *urbe*. It was materialized through the cultural and natural continuity observed in its landscape, not infrequently compared to a great garden in which limits and fences, water resources and vegetable species stood out.

Limits and fences

Starting from the assumption that inhabiting a place means finding shelter, protection and order in its interior, we underscore the importance of topological relations in the traditional city. In it, walls,

mesmo construía-se determinados artificios, como alegretes, cacimbas (poços de água), latadas, tanques de ornamento e rega, que tornavam atrativos os jardins, as hortas e os pomares. Beleza e utilidade, prazer e trabalho, fizeram parte da existência dos espaços abertos inseridos na malha urbana.

Os jardins, hortas e pomares das cidades coloniais constituíam verdadeiros complexos culturais, estéticos e utilitários, nos quais forma, função e técnicas construtivas se tornavam indissociáveis, e cada parte e elemento tinham razão de ser. Nos povoados brasileiros, tais locais mantinham-se articulados, contribuindo para a consolidação de estruturas ou tecidos. Os conjuntos existentes ainda refletiam a capacidade interpretativa de seus proprietários que, na maioria das vezes, se mostravam preocupados com a conservação dos recursos naturais, o que resultava na criação de espacialidades as mais diversas.

Parece-nos também oportuno ressaltar a concepção de natureza da cultura lusitana, que serviu de base para materializar os diversos tipos de parcelas hortifrutícolas existentes no tecido das cidades coloniais. Nesse sentido, as noções de abundância, apazibilidade e fertilidade também se fizeram presentes em jardins, hortas e pomares na paisagem brasileira, tanto na periferia da *urbe* quanto no seu interior. Essas noções eram muitas vezes expressas nos relatos, em particular, nas primeiras cartas de padres jesuítas. A paisagem era tida como um Éden, abençoada pela mão do Criador.¹

Considerava-se a natureza como uma Primavera Eterna, pela grande fartura de alimentos disponíveis e pela própria condição favorável do clima, que ajudava a subsistência do homem, sem demandar dele muitos esforços. Essa noção também se encontrava presente no imaginário da *urbe* colonial, sendo materializada na continuidade cultural e natural observada em sua paisagem, não raras vezes comparada a um grande jardim, onde se destacavam limites e vedações, recursos hídricos e espécies vegetais.

Limites e vedações

Partindo do pressuposto que habitar determinado lugar significa encontrar abrigo, proteção e orientação no seu interior, sublinhamos a importância das relações topológicas na cidade tradicional, onde muros, sebes e valados eram utilizados para

¹ ACADEMIA BRASILEIRA. *Cartas jesuítas: cartas avulsas (1550-1568)*. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Gráfica, 1931. p. 263-264, 271-272.

¹ ACADEMIA BRASILEIRA. *Cartas jesuítas: cartas avulsas (1550-1568)*. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Gráfica, 1931. p. 263-264, 271-272.

evidenciar a distinção entre o interior e o exterior das moradias, entre o lugar privado e o espaço público.

Tais construções serviam ainda para a demarcação, integração e vedação dos jardins, definindo impressões de aconchego, bem-estar, intimidade, liberdade, paz, privacidade, repouso, segurança, tranquilidade, advindas de experiências proporcionadas pelo contato com os espaços abertos, sobretudo os de domínio privado, que se apresentavam como verdadeiros refúgios no mundo.² Nesse universo, as parcelas hortifrutícolas contribuíam para o equilíbrio físico, psíquico e social dos seus proprietários.

Entre as alternativas adotadas para a definição e a posse desses lugares, os muros foram, sem dúvida, a opção de maior impacto na paisagem,³ influenciando não só a compartimentação do meio urbano, mas o caráter das parcelas delimitadas, que constituíam ambientes eminentemente resguardados. Construídos de taipa de pilão ou de alvenaria de adobe ou pedra, essas divisórias também eram utilizadas para setorizar atividades ligadas à agricultura e à criação de animais, sobretudo nas maiores propriedades, situadas nas cercanias, onde se destacavam as casas de campo, os conventos e os mosteiros.

Em algumas situações, entretanto, em vez da simples distinção ou separação entre as partes, as vedações promoviam a interação entre as diversas unidades de uma mesma parcela. A solidez das paredes externas servia de suporte à construção de bancos e latadas, reforçando a identidade dos espaços abertos, tornando os desenhos desses espaços mais complexos e convidativos à estadia ao ar livre. Por vezes, os muros dos jardins mais requintados possuíam fenestração ou aberturas de vãos, facilitando a visualização dos conjuntos implantados.

No que se refere às sebes, construídas com material inerte e/ou vivo, foram mais difundidas nos arredores urbanos. Representavam uma alternativa menos extrema para estabelecer o fechamento das parcelas hortifrutícolas, conforme se observa em antigas fotografias da cidade de Salvador.⁴ Podiam estar igual-

fences and trenches were used to make evident the distinction between dwellings' interior and exterior, between the private place and the public space.

These constructions were also useful to limit, integrate and fence gardens. They defined impressions of coziness, well-being, intimacy, liberty, peace, privacy, rest, safety, tranquility, which came from experiences propitiated through contact with open spaces. Especially, those in the private domain, which were presented as real *refuges* from the world.² In this universe, horticultural plots contributed to the physical, psychological and social well-being of their owners.

Walls, among all the alternatives adopted to define and take over these places, were undoubtedly the option that had a greater impact on the landscape.³ They influenced not only the compartmentalization of the urban environment, but also the character of the delimited plots. They constituted eminently guarded ambiances. Constructed of rammed earth, adobe bricks or stone, these partitions were also used to separate agricultural and animal raising activities, moreover in larger properties. These were located in the cities' surrounding areas in which country houses, convents and monasteries stood out.

Sometimes, instead of a simple differentiation or separation among parts, fences promoted integration between the different units in a single plot. The solidity of the external walls served as a support for benches and trellises, which reinforced open spaces' identity, making the design of these spaces more complex and inviting to being outdoors. Sometimes, the walls of the more exquisite gardens had fenestrations or open bays, making the sight of the implanted complexes easier.

Fences were built from inert and/or living materials. They were more common in the areas surrounding the cities. They represented a less extreme form of guarding the horticultural plots as we can see in old photos of the city of Salvador.⁴ Fences

² BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 24, 45, 103-104; NORBERG-SCHULZ, Christian. *Nuevos caminos de la arquitectura: existencia, espacio y arquitectura*. Barcelona: Editorial Blume, 1975, p. 20, 45, 104.

³ CARAPINHA, Aurora da Conceição Parreira. *Da essência do jardim português*. Tese (Doutorado em Arquitetura Paisagista e Arte dos Jardins, Ramo de Artes e Técnicas da Paisagem). Universidade de Évora (Gonçalo Ribeiro Telles), Évora, 1995, v.1, p. 55-56, 358-359.

⁴ Cf. FERREZ, Marc. "Foto tirada do convento de São Francisco, vendo-se a horta dos frades, (...). 1884. Albúmen 15,7 x 21,4 cm". ; MULOCK, Benjamin R.

² BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 24, 45, 103-104. NORBERG-SCHULZ, Christian. *Nuevos caminos de la arquitectura: existencia, espacio y arquitectura*. Barcelona: Editorial Blume, 1975, p. 20, 45, 104.

³ CARAPINHA, Aurora da Conceição Parreira. *Da essência do jardim português*. (Tese de Doutorado em Arquitetura Paisagista e Arte dos Jardins, Ramo de Artes e Técnicas da Paisagem). Universidade de Évora, (Gonçalo Ribeiro Telles), Évora, 1995, v.1, p. 55-56, 358-359.

⁴ Cf. FERREZ, Marc. "Foto tirada do convento de São Francisco, vendo-se a horta dos frades, (...). 1884. Albúmen

could also be built in association to other kinds of railings such as walls and ditches and trenches. Historical registers of religious complexes inform us of the construction of live fences or hedges, especially for the protection of vegetable gardens. In this case, fences were constituted of orange trees and other thorny trees. Besides making users' stay cozier and more pleasant, they promoted greater continuity and spontaneity in the design of cities.

As to ditches and trenches, we know that they marked public and private lands, especially those located in areas surrounding urban centers and also rural areas. Usually, these interventions ceased to exist when such areas started suffering the impact of the urban expansion that took place in Brazil at the end of the 17th and during the 18th centuries.

From that arose the preoccupation to build and rebuild the walls, which clearly limited the plots' boundaries. In the case of the Benedictine Monastery of São Sebastião of Bahia, construction of the wall was justified on the grounds that it was necessary to stop the theft of its vegetables. Besides that, it would stop contact among the congregation and the women whose habit it was to invade the garden.⁵ At another monastery, that of Our Lady of Assumption of São Paulo, the argument in defense of privacy and guarding against the outside world's debauchery was clearly made.⁶

While walls determined the departure, modesty and withdrawal of the congregation in relation to the world outside the convents and monasteries (establishing a sharp discontinuity in the landscape), that was not the only function of the ditches and trenches. These were opened up with the goal of obtaining satisfactory results in the tilling of the parties, possibly splitting up cultivation areas into

15,7 x 21,4 cm". In: FERREZ, Gilberto. *Bahia: velhas fotografias, 1858-1900*. Rio de Janeiro: Kosmos; [Salvador]: Banco da Bahia Investimentos, 1989, p. 136. Cf. MULLOCK, Benjamin R. "Alameda de dendezeiros, na Calçada do Bofim, hoje Vila Militar do Bonfim (...). 1860. Albúmen 19,7 x 24 cm". In: FERREZ, Gilberto. Op. cit., p. 37.

⁵ ADB-CSB. Cód. 137. Mosteiro de São Sebastião da Bahia II, 1764-1800, p. 241. Apud: LINS, Eugênio de Ávila. *Arquitetura dos mosteiros beneditinos no Brasil: século XVI a XIX*. (Tese de Doutorado em História da Arte). Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio, (Jaime J. Ferreira-Alves), Porto, 2002, v.1, p. 282. AMSBBA. Cód. 92. Livro de Visitas dos Mosteiros da Congregação Beneditina do Brasil, século XIX. f.33. Apud: LINS, Eugênio de Ávila. Op. cit., v.1, p. 283.

⁶ LINS, Eugênio de Ávila. Op. cit., v.1, p. 681.

mente associadas a outros tipos de vedação, como muros, valas ou valados. Registros históricos que tratam dos complexos religiosos informam-nos sobre a construção de cercas vivas, especialmente para a proteção das hortas. Nesse caso, as cercaduras geralmente eram constituídas de laranjeiras ou outras árvores de espinho. Além de tornarem aconchegante e agradável a estadia dos utentes nesses conjuntos, promoviam maior continuidade e espontaneidade no desenho das cidades.

Quanto à existência das valas e dos valados, sabe-se que delimitaram terrenos privados e públicos, em particular, os localizados nos arredores urbanos e nas zonas rurais. Normalmente, essas intervenções deixaram de existir quando os respectivos lugares começavam a sofrer os impactos das expansões urbanas, ocorridas no Brasil desde o final do século XVII e durante o XVIII. Daí a preocupação em construir e reconstruir muros que demarcassem de maneira clara os limites das parcelas. No caso do Mosteiro Beneditino de São Sebastião da Bahia, justificou-se a execução do muro pela necessidade de impedir o roubo de hortaliças, além de evitar-se o contato dos congregados com as mulheres que tinham o costume de invadir a horta.⁵ Em outro mosteiro, o de Nossa Senhora da Assunção de São Paulo, ficou evidente o argumento em favor da privacidade e do recolhimento contra a devassidão do mundo externo.⁶

Enquanto os muros determinavam o afastamento, o recato e o recolhimento dos congregados em relação ao mundo externo aos conventos ou mosteiros, estabelecendo uma nítida descontinuidade na paisagem, as valas e os valados não só delimitavam. Eram abertos para se obter resultados satisfatórios no amanho das partes, possivelmente subdividindo as áreas de cultivo em unidades de formato regular. Essas intervenções acabavam proporcionando triplo benefício: circulação de água nos baixios, sob a forma de drenos, maior interatividade entre

"Alameda de dendezeiros, na Calçada do Bofim, hoje Vila Militar do Bonfim (...). 1860. Albúmen 19,7 x 24 cm". In: FERREZ, Gilberto. *Bahia: velhas fotografias, 1858-1900*. Rio de Janeiro: Kosmos; [Salvador]: Banco da Bahia Investimentos, 1989. p. 37, 136.

⁵ ADB-CSB. Cód. 137. Mosteiro de São Sebastião da Bahia II, 1764-1800, p. 241; AMSBBA. Cód. 92. Livro de Visitas dos Mosteiros da Congregação Beneditina do Brasil, século XIX. f. 33. Apud: LINS, Eugênio de Ávila. *Arquitetura dos mosteiros beneditinos no Brasil: século XVI a XIX*. Tese (Doutorado em História da Arte). Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio (Jaime J. Ferreira-Alves), Porto, 2002, v. 1, p. 282, 283.

⁶ LINS, Eugênio de Ávila. Op. cit., p. 681.

as unidades produtivas e proteção das hortas contra o ataque de formigas, adversárias implacáveis do homem na cultura de legumes e verduras.

Em síntese, esse e outros modos de vedar os jardins denotavam a vigência de costumes e práticas primitivas, também observados nas realidades de Olinda e Ouro Preto. Apesar das sucessivas descaracterizações sofridas nas respectivas paisagens, resultando na extrema compartimentação das parcelas fundiárias e no desaparecimento das sebes vegetais, podemos constatar, em certos conjuntos remanescentes, a ocorrência de antigos detalhes arquitetônicos. Alguns deles dizem respeito ao aproveitamento de muros externos para a criação de espaços voltados à contemplação ou ao lazer, a partir da inserção de bancos e latadas. Tais aspectos remetem-nos à referida herança do desenho da paisagem, fundamentada na conciliação do agradável ao útil.

Água

A água, sem dúvida, foi elemento essencial em alguns jardins de núcleos urbanos classificados, determinando a localização e o desenho de muitos desses locais de produção e de recreio. Daí a necessidade da escolha adequada dos sítios para o desenvolvimento da agricultura, que resultava na ocorrência de manchas verdes na malha urbana, muitas vezes organizadas em sequências contínuas.

De acordo com a dimensão e a finalidade das parcelas hortifrutícolas que compunham tais manchas, havia maior ou menor distinção formal e funcional entre suas partes, o que acabava transparecendo no uso desse recurso, potencializado pela disposição de sistemas hidráulicos. Nas residências abastadas, situadas nas cercanias, dependendo da maneira como a água era aproveitada, ficava patente a diferenciação entre os sistemas ornamentais e os produtivos.

No espaço urbano, as fontes ou nascentes particulares eram privilégio de poucos proprietários. Na maioria das vezes, o recurso hídrico era viabilizado por métodos caseiros, como o escoamento de telhados direcionado a barricões e cisternas; por vezes, as águas vertentes eram drenadas com o auxílio de canalizações feitas de taquara ou troncos de embaúba.⁷ Isso vinha

⁷ HOLTHE, Jan Maurício Oliveira van. *Quintais urbanos de Salvador. Realidades, usos e vivências no século XIX*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração em Conservação e Restauro). Faculdade de Arquitetura e

regularly shaped units. These interventions ended up providing triple benefits: water circulation in the low areas via drains, greater interaction among productive units and protection for the vegetable gardens against attacks from ants, man's implacable adversary in his cultivation of vegetables.

In brief, these and other methods of garden fencing denoted the currency of primitive customs and practices, also observed in Olinda and Ouro Preto. Notwithstanding the successive mischaracterizations suffered in their respective landscapes, resulting in the extreme compartmentalization of plots and disappearance of plant fences, it is possible to observe in certain surviving complexes, the occurrence of ancient architectural details. Some of them have to do with the usage of external walls to create spaces of contemplation or leisure via the insertion of benches and trellises. These aspects take us back to our heritage, which is referred to in the design of the landscape, fundamental on the conciliation of what is pleasant to what is useful.

Water

Water was undoubtedly an essential element in some gardens in classified urban centers. It determined the location and then the design of many of these places of production and recreation. From it stems the need to adequately choose the places to develop agriculture, which resulted in the occurrence of green areas in the urban fabric. Frequently, these were organized in continuous sequences.

According to the size and purpose of the horticultural plots which made up the green area, there was a greater or lesser formal and functional distinction between the parts. This ended up becoming evident in the use of this resource, which was made more potent with the availability of water systems. In wealthier residences, situated in the surrounding areas, depending on how water was used, the difference between ornamental and productive systems was made clear.

Private fountains or springs were the privilege of few owners in the urban setting. The use of water was made feasible via simple methods most of the time. Simple methods such as the runoff from roofs directed into barrels and cisterns. Sometimes shed water was drained with the help of canalizations made from bamboo or silver cecropia trunks.⁷ This

⁷ HOLTHE, Jan Maurício Oliveira van. *Quintais urbanos de*

serves to demonstrate how fragile and improvised were water services in the city, in which slave labor was used for all domestic chores and errands, including maintenance of open spaces.

This dependence on slave labor decisively influenced the difference in the open spaces in Brazil and the Kingdom. In the Kingdom, because there were less manual workers available and due to specific climatic and cultural issues and also the lack of water, there was a larger number of irrigation structures and infrastructure. In the Portuguese landscape the presence of these mechanisms conditioned horticultural plots' organization and morphology. In comparison to Brazilian agricultural units, Portuguese ones were much more compartmentalized, discontinuous and geometrical.⁸ Brazilian units had a sharply organic character.

The presence of water was also associated to the conditions of pleasantness and playfulness in productive spaces. The gullies and irrigation tanks contributed to the experiential quality of those places. The water and vegetation helped to arouse and unify the different parts of the built complexes. This propitiated new and variegated readings into production spaces.

We present two examples of private spaces to illustrate the preceding statements. Both are marked by their articulated use of water. The first one is the residence of José da Silva Valença, in Vila Boa de Goiás. Its plan, dated 1742, clearly registers the adduction of water, which was possibly captured in the woods and brought by gravity through gullies. It passed through the orchard and got to the garden and service area. In the garden, the regular

demonstrar a fragilidade e o imprevisto dos serviços de abastecimento na cidade, onde se adotava a mão de obra escrava na realização de praticamente todas as tarefas domésticas, inclusive a manutenção dos espaços abertos.

A dependência relativa à mão de obra utilizada influenciou decisivamente a distinção entre os espaços abertos do Brasil e do Reino, onde, pela menor quantidade de trabalhadores braçais, por questões climáticas e culturais específicas e carência do recurso hídrico, houve maior número de estruturas e infraestruturas de rega. Na paisagem portuguesa, a ocorrência desses mecanismos condicionou a organização e a morfologia das parcelas hortifrutícolas. Comparativamente, eram muito mais compartimentadas, descontínuas e geometrizadas,⁸ contrariamente às unidades agrícolas brasileiras, que possuíam caráter acentuadamente orgânico.

A presença da água também estava associada à condição de apazibilidade e ludicidade nos espaços produtivos. Os regos e os tanques de rega contribuíam para o incremento da qualidade vivencial em tais locais. A água e a vegetação ajudavam a despertar os sentidos, além de unificarem as partes dos conjuntos construídos, proporcionando novas e variadas leituras dos espaços de produção.

Ilustrando as afirmações anteriores, apresentamos dois exemplos de espaços privados marcados pelo uso articulado do recurso hídrico: o primeiro deles é a residência de José da Silva Valença, em Vila Boa de Goiás, cuja planta, datada de 1742, registra com clareza a adução da água, possivelmente captada em local de mata e conduzida por gravidade através de regos, passando pelo pomar, chegando ao jardim e aos pátios de serviço. No âmbito do jardim, torna-se evidente a disposição regular das canaletas e dos *canos*, influenciando a forma dos canteiros. O ambiente em si parecia privilegiado pela espacialidade, sendo apropriado para o descanso. Não era fortuita a comunicação

Salvador. Realidades, usos e vivências no século XIX. (Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração em Conservação e Restauro). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, (Odete Dourado), Salvador, 2002, p. 207-208. LEMOS, Carlos A.C. *Cozinhos, etc. Um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista.* São Paulo: Editora Perspectiva, 1976, p. 35. ALMEIDA, Eduardo de Castro e. *Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo da Marinha e Ultramar de Lisboa.* Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Biblioteca Nacional, 1913, Tomo I, p. 13-14.

⁸ CARAPINHA, Aurora da Conceição Parreira. Op.cit., v.1, p. 50-51, 113-114. CARAPINHA, Aurora da Conceição Parreira. "A arte da paisagem e dos jardins no Brasil colonial?". In: COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, *Actas...*, 5, Faro: Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História, Arqueologia e Património, 2002, p. 35.

Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (Odete Dourado), Salvador, 2002, p. 207-208; LEMOS, Carlos A.C. *Cozinhos, etc. Um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista.* São Paulo: Editora Perspectiva, 1976, p. 35; ALMEIDA, Eduardo de Castro e. *Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo da Marinha e Ultramar de Lisboa.* Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Biblioteca Nacional, 1913, Tomo I, p. 13-14.

⁸ CARAPINHA, Aurora da Conceição Parreira. Op. cit., v.1, p. 50-51, 113-114. CARAPINHA, Aurora da Conceição Parreira. A arte da paisagem e dos jardins no Brasil colonial. In: COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, *Actas...*, 5, Faro: Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História, Arqueologia e Património, 2002, p. 35.

desse espaço com a varanda, local enriquecido pelo frescor, brilho e pela sonoridade desse recurso [Fig. 3]. De modo análogo, mencionamos a moradia do Barão do Serro em Minas Gerais, complexo edificado no século XIX, constituído a partir da integração entre unidades de produção e recreio, ficando também patente a importância do sistema hidráulico e do sistema vegetal na formalização do lugar. No ordenamento desse conjunto, sobressaía a disposição racional de canaletas/tubulações, chafarizes e tanques de rega, pautada pelo requinte arquitetônico, situação característica das propriedades abastadas.

Em termos do espaço urbano, era notório o ordenamento dos aglomerados coloniais em função da presença da água. Em Olinda, em pontos de seu tecido, mais particularmente junto às fraldas das encostas, implantaram-se parcelas hortifrutícolas, destacando-se os conjuntos religiosos e o Jardim Botânico. Eram lugares privilegiados, nos quais se realizava a captação de água por meio da abertura de cacimbas. Na atualidade, muitos desses lugares encontram-se degradados ou fragmentados, em consequência da expansão aleatória e/ou clandestina observada na malha edificada, o que tem comprometido a continuidade da paisagem. Aproveitamos para refletir a respeito de tais poços, infelizmente, soterrados [Fig. 4]. O fato de terem sido construídos significava que havia necessidade de atender às demandas cotidianas, sobretudo em determinados períodos do ano. Quando as chuvas tornavam-se rarefeitas, funcionavam como reguladores das variações climáticas.

Em Ouro Preto, encontramos situações semelhantes às aquelas observadas em Olinda. A grande quantidade de tanques de rega, verificada em vários pontos da cidade, leva-nos a crer que fossem utilizados com o mesmo propósito das cacimbas, para garantir a produtividade das hortas contidas na trama urbana. A cidade foi implantada entre duas grandes serras, de vertentes ravinadas, tornando-se um receptáculo natural de águas, sendo ainda favorecida pelo clima úmido da região. Em grande parte do ano, a vazão de suas fontes e nascentes situadas nas fraldas do relevo mantinha-se estável, contribuindo para o abastecimento de pequenas bicas, chafarizes, fontanas, tanques ornamentais e utilitários [Fig. 5 e 6].

disposition of channels and *pipes* is evident. This influenced the vegetable beds' shape. The space itself seemed to be privileged by spatiality, being appropriate for rest. Communication between this space and the porch was not fortuitous. The porch was a place enriched by the coolness, brightness and sonority of this resource [Ill. 3]. Analogously, we mention the household of the Baron of Serro, in Minas Gerais. The complex was built in the 19th century. It was built up by integrating the production and recreation units. In it, the importance of the hydraulic and vegetation systems is evident in the formalization of the place. In the planning of the complex the rational layout of the channels/tubing, water fountains and irrigation tanks, ordered with architectural refinement. This was a characteristic situation in wealthy properties.

In terms of urban space, the planning of colonial centers was patently carried out due to the presence of water. In Olinda, at certain points of its area, particularly at the foot of slopes, horticulture plots were implemented. Religious complexes and the Botanical Garden stood out. These were privileged places, where water was captured through the opening of wells. In present times, many of these places have been degraded and fragmented. This has happened in consequence of random and/or clandestine expansions of built up areas, which has compromised the landscape's continuity. We take this opportunity to reflect on such wells, which, sadly, have been buried [Ill. 4]. The fact that they were constructed meant that they were needed to attend to daily demands, especially during determined periods of the year. When the rains became scarce, these wells worked as climatic variation regulators.

We can find in Ouro Preto situations similar to those observed in Olinda. The great quantity of irrigation tanks, verified throughout the city, lead us to believe that they were used for the same reason as the wells, which was to guarantee the productivity of the vegetable gardens inside the city. The city grew between two great mountain ranges with ravined slopes. This made it a natural water receptacle, even more because of the region's humid climate. The flow rates of its water sources and springs (situated at the foot of the mountains) remained stable throughout most of the year. This contributed to the supply of small taps, water fountains, fonts, ornamental and utilitarian tanks [Ill. 5 and 6].

Vegetable index

Vegetation was also an element that stood out in the urban colonial complexes. Subsistence planting contributed to the space's design. We can observe the use of vegetable species to contain and plan space in the scope of private and public enclosures. They also served to establish work hierarchies and even define places to stay for a while or permanently. This helped to orient users' perceptions, making a better understanding of the places they experienced possible.

The species most present in the horticultural plots in the colonial *urbe*, besides being used to guarantee daily subsistence, also expressed cultural manifestations. Thusly, we can observe plants of nutritive, seasoning, medical and ornamental value. They were organized oftentimes by the creativity of the inhabitants of these places. They were always aware of planting in favorable conditions, according to the biophysical particularities of each place.

The vegetation was usually presented in a profuse way in the vegetable beds. This was called *promiscuous* cultivation by Orlando Ribeiro.⁹ This practice was traditional in the Mediterranean zone and was repeated in Brazilian reality since the beginning of colonization. This method of cultivation, based on the mixture of bushes, trees and herbs in a same place in an apparent lack of order and distinction, led to complex spaces with a predominantly empirical character. The scents and smells, forms, flavors and tactile sensations coming from such places contributed to an increment in the esthetic quality of the places mentioned and experience in colonial gardens. In such a circumstance, gardens and orchards reinforced in the urban scale notions of ensemble and landscape continuity.

In the work of Priest (Father) Jácome Monteiro, *Relação da Província do Brasil*, or, in English, *Report on the Province of Brazil* (1610), based on the Portuguese tradition, the preference for a pleasant green is evident. According to this Priest's eyes, "(...) All the [Brazilian] land is covered by a perpetual grove, which never loses a leaf, and while the natives find it gracious, to those of us born in the Kingdom, it fills us with melancholy, since it is a darker and denser green than one of pleasure (...)"¹⁰ In this

Elenco vegetal

A vegetação era igualmente elemento de destaque nos conjuntos urbanos coloniais. O plantio de subsistência contribuía para o desenho do espaço. No âmbito dos recintos privados e públicos, observava-se o uso de espécies vegetais para a contenção e o ordenamento desses recintos, o estabelecimento de hierarquias funcionais e mesmo a definição de locais de estadia ou permanência, que ajudavam a orientar a percepção dos seus utentes, possibilitando um melhor entendimento dos lugares vivenciados.

As espécies difundidas nas parcelas hortifrutícolas da *urbe* colonial, além de serem utilizadas para assegurar a subsistência diária, eram manifestações de cultura. Assim, observavam-se ali plantas de valor alimentar, condimentar, medicinal e ornamental, frequentemente organizadas pela criatividade dos moradores desses locais, sempre atentos às condições favoráveis do plantio, de acordo com as particularidades biofísicas de cada sítio.

Nos canteiros, a vegetação normalmente se apresentava de modo profuso, através do que Orlando Ribeiro denominou cultura *promiscua*,⁹ prática tradicional da zona mediterrânica, rebatida na realidade brasileira a partir da colonização. Esse modo de cultivo baseado na mistura de arbustos, árvores e ervas num mesmo recinto, numa aparente falta de ordem e distinção, resultava em espaços complexos, de caráter predominantemente empírico. Os aromas, as cores, as formas, os sabores e os tatos daí provenientes contribuía para o incremento das qualidades estéticas nos mencionados lugares e para a vivência nos jardins coloniais. Nessa circunstância, hortas e pomares reforçavam na escala urbana a noção de conjunto e a continuidade da paisagem.

Na obra do padre Jácome Monteiro, *Relação da Província do Brasil* (1610), fundamentada na tradição lusíada, é evidente a preferência pelo verde aprazível. De acordo com o olhar desse padre, "Está toda a terra [brasileira] coberta de um perpétuo arvoredo o qual nunca perde a folha, e posto que os naturais o achem gracioso, aos que nascemos no Reino serve de melancolia, por ser um verde mais escuro e espesso, que de prazer (...)"¹⁰ Nessa acepção, existia uma diferença entre o verde de recreio, associado à condição de lazer ou ócio, observado em lugares

⁹ Cf. CARAPINHA, Aurora da Conceição Parreira. Op.cit., v.1, p. 273-276, 360.

¹⁰ LEITE, Serafim, Padre. *História da Companhia de Jesus no Brasil; escritores de A a M*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Livraria Civilização Brasileira; Lisboa: Livraria

⁹ Cf. CARAPINHA, Aurora da Conceição Parreira. *Da essência...*, op. cit., p. 273-276, 360.

¹⁰ LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil; escritores de A a M*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Livraria Civilização Brasileira; Lisboa: Livraria Portugalíia, 1949, Tomo VIII, p. 393-394.

antrópicos, e o verde que causava apatia e melancolia, próprio de extensas matas, que se colocavam quase como uma barreira, intransponível à vista e aos outros sentidos.

De maneira análoga, também situamos o olhar do padre Simão de Vasconcelos (1596-1671). Em sua obra *Notícias Curiosas e Necessárias das Cousas do Brasil* (1668), destaca-se a formosura de árvores e ervas, o que reforça a noção do verde aprazível, como numa *Eterna Primavera*, de acordo com a visão que se tinha do Novo Mundo naquela época.¹¹ Interessa perceber como foram comentadas as *bondades* das espécies vegetais, intrinsecamente associadas à apreciação sensorial da paisagem ou mesmo das parcelas hortifrutícolas, nas quais a vegetação tinha papel relevante.

O plantio deste verde aprazível era feito nas hortas e nos pomares, proporcionando lugares de grande efeito estético quando vivenciados. Observava-se, com frequência, maior ordenamento da vegetação, em retícula ortogonal ou em renques, nos locais de destaque de ricas moradias, nos acessos de chegada ou ao longo de eixos de ligação, na proximidade das edificações senhoriais e de lugares voltados ao ócio. O desenho desse tipo de espaço é descrito no *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, de Gabriel Soares de Sousa (c.1540-1591), considerado a partir da enseada da Bahia, suas ilhas, recôncavos, ribeiros e engenhos. Às margens do rio de Matoim, encontravam-se grandes fazendas cujos conjuntos denotavam a humanização da natureza.¹²

No caso identificado, sobressai o dito *laranjeiras arruadas*, cujo significado nos faz atentar para a existência de caminhos definidos por alinhamentos de plantações e sebes. Os laranjais destacavam-se como representantes da verdura que *recreava* a vista. Eram locais pautados pelo aroma e pela luminosidade controlados, o que os tornava bastante atrativos para a estadia ou a permanência. A presença dos citrinos nos jardins, hortas e pomares, transformava-os em lugares de contemplação e recriação do olhar, fatos significativos na arte dos jardins.¹³

Entende-se a disseminação dos citrinos em tão pouco tempo, desde a chegada dos portugueses na América, a partir

sense, there was a difference between recreational green, which was associated to a condition of free time or leisure that is observed in anthropic places, and the green that caused apathy and melancholy. This green was typical in the extensive woodlands, which were almost an obstacle, insurmountable to eyesight and the other senses.

Analogously, we can also find the views of Father Simão de Vasconcelos (1596-1671). In his work *Notícias Curiosas e Necessárias das Cousas do Brasil*, or, in English, *Curious and Necessary News on the Things of Brazil*, (1668), he pointed out the beauty of trees and herbs, which reinforced the notion of a pleasant green, such as the one found in an Eternal Spring in accordance to the prevalent view on the *New World* at that time.¹¹ It is interesting to notice how he commented on the *goodness* of the vegetable species, which were intrinsically linked to the sensorial appreciation of the landscape or even of the horticultural plots, where the vegetation had a leading role.

Cultivation of this pleasant green was carried out in gardens and orchards. They propitiated places of great esthetic effect when experienced. Frequently, we can observe better planning for the vegetation in orthogonal grids or tiers in special places in rich houses, such as entrance ways or along connection axles, near manorial buildings and of places dedicated to the practice of leisure. The design of this type of space is described in the *Tratado Descritivo do Brasil em 1587* or, in English, *Descriptive Treaty of Brazil in 1587* by Gabriel Soares de Sousa (c.1540-1591), written based on Bahia's cove, its islands, havens, brooks and mills. There were large farms on the banks of the Matoim River and their ensembles showed the humanization of nature.¹²

In the identified case, the words *laranjeiras arruadas*, or, in English *orange trees in a row* stand out. The meaning of the words calls our attention to the existence of paths defined by alignments of plantations and fences. The orange trees stood out as representatives of the greenness, which *entertained* our eyesight. These were places ordered by controlled scents and smells and luminosity. This made such

¹¹ VASCONCELOS, Simão de (1597-1671). *Notícias curiosas e necessárias das cousas do Brasil*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001. p. 138.

¹² SOUSA, Gabriel Soares de (c.1540-1591). *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2000. p. 108-110.

¹³ CARAPINHA, Aurora da Conceição Parreira. *Da essência...*, op. cit., p. 24, 91, 96-97, 99, 214, 219, 277.

Portugália, 1949, Tomo VIII, p. 393-394.

¹¹ VASCONCELOS, Simão de, Padre, 1597-1671. *Notícias curiosas e necessárias das cousas do Brasil*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001, p. 138.

¹² SOUSA, Gabriel Soares de, c.1540-1591. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2000, p. 108-110.

places attractive to short or long stays. The presence of citrus fruits and trees in the gardens, vegetable gardens and orchards transformed them into places for contemplation and recreation of the look, both of which are meaningful facts in the art of gardens.¹³

The quick dissemination of citrus trees since the arrival of the Portuguese in America can be understood due to a series of favorable points, including economic interests and medical virtues. These species were usually favored because they transpired suave aromas, had an expressive bloom and harmonious sizes, besides of supplying refreshing and cozy shadows, fragrant and tasty fruits and also for having evergreen canopy, such as in an Eternal Spring. They brought together a group of qualities that transfigured agricultural units into special places, which were destined to recreation or the practice of leisure.

Trellises are another element to take into consideration. Like the railing, they influenced the character of formalized units or complexes. Trellises and most other similar artifices should be understood from a constructive logic eminently guided by cultural, esthetic, functional and experiential dimensions. This way, the occurrence of grapevines in gardens' designs was not fortuitous. They constituted a true synthesis of scents and smells, color, shape and shade, which transformed any productive plot into a pleasant place. This happened in orange groves ordered as *malls* or *streets*.¹⁴ Such manifestations should be studied as an adaptation of the Portuguese heritage in Brazil.

In the mentioned context, most of the travelers and naturalists visiting Brazil in the 19th century were thrilled upon the presence of green areas in the urban fabric. These areas were constituted in their majority by thorny and banana trees. Common sense dictated that vegetal cover was pleasant, happy, enchanting, fertile, laughing, sensual, superb, lush, flashy and alive.¹⁵ It seems to us then, instigating and pertinent to study the species cultivated, because through them we can understand the symbolic and affective values conferred on them by the inhabitants. It will make it possible for us to

de uma série de pontos favoráveis, inclusive interesses econômicos e virtudes medicinais. No geral, foram espécies prestigiadas por exalar suaves aromas, ter floração expressiva e portes harmoniosos, fornecer sombras refrescantes e acolhedoras, frutos perfumados e saborosos e ainda por ter copas sempre verdejantes. Reuniam qualidades que transfiguravam as unidades agrícolas em lugares especiais, destinados ao recreio ou ao ócio.

As latadas são outro elemento a considerar, assim como as vedações, que influenciaram o caráter das unidades ou dos conjuntos formalizados. As latadas e a maioria dos artificios congêneres devem ser entendidas a partir da lógica construtiva eminentemente pautada pela dimensão cultural, estética, funcional e vivencial. Assim, não era fortuita a ocorrência de parreiras no desenho dos jardins. Constituíam verdadeiras sínteses de aroma, cor, forma e sombra, que transformavam quaisquer parcelas produtivas em lugares aprazíveis, como acontecia nos laranjais, ordenados em *alamedas* ou *ruas*.¹⁴ Tais manifestações devem ser examinadas como adaptação da herança portuguesa no Brasil.

No citado contexto, grande parte dos viajantes ou naturalistas, visitantes do Brasil durante o século XIX, ficava maravilhada perante as manchas verdes no tecido urbano, constituídas em sua maioria por árvores de espinho e bananeiras. No senso comum, considerava-se o coberto vegetal agradável, alegre, encantador, fértil, risonho, sensual, soberbo, viçoso, vistoso e vivo.¹⁵ Parece-nos, portanto, instigante e pertinente estudar as espécies cultivadas, para compreender os valores afetivos e simbólicos a elas conferidos pelos moradores, possibilitando-nos estimar como foram vivenciados os jardins existentes na trama das cidades.

Considerações finais

O que se valorizou na base da cultura ancestral deveria ser considerado hoje em dia pela ótica da preservação patrimonial, principalmente no tocante à permanência da unidade edifício/parcela nas cidades classificadas. É necessário reaprendermos a ver beleza e cultura mesmo naquilo que o senso popular julga ser banal ou simples e que os técnicos ignoram como espaços a

¹³ CARAPINHA, Aurora da Conceição Parreira. Op. cit., v.1, p. 24, 91, 96-97, 99, 214, 219, 277.

¹⁴ FREYRE, Gilberto, 1900-1987. *Sobrados e mucambos*: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. 14^a edição revisada. São Paulo: Global, 2003, p. 351-353.

¹⁵ SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Viagem pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, Tomo II, p. 283. (Edição alemã: 1823).

¹⁴ FREYRE, Gilberto (1900-1987). *Sobrados e mucambos*: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. 14 ed. revisada. São Paulo: Global, 2003, p. 351-353.

¹⁵ SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Viagem pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, Tomo II, p. 283 (edição alemã: 1823).

serem protegidos, ou seja, referimo-nos mais particularmente às hortas e aos pomares. Através do desenho de antigos jardins, é possível compreender aspectos fundamentais da forma urbana, além de perceber a noção de natureza que continua impregnando a paisagem brasileira, marcada pelo binômio da produtividade e do recreio.

A experiência poética advinda do ato de cultivar a terra continua fazendo parte da vida na cidade classificada, que ainda guarda forte apego ao mundo da ruralidade, especialmente no âmbito de certos conjuntos. Hortas e pomares são tomados como fontes de ensinamento e criatividade, sempre a estimular o amor, o intimismo e a saudade, sensações e sentimentos provenientes do convívio com os atributos da natureza, sobressaindo nesse contexto a dispersão de aromas e a presença marcante de luzes, sonoridades e tateabilidades.

estimate how the gardens existent in the midst of the cities were experienced.

Final Considerations

What was valued at the start of our ancestral culture should be taken into account today inside our heritage preservation outlook, mainly relative to the permanence of the building/plot unit in the classified cities. It is necessary that we relearn to see beauty and culture even in what people commonly judge as commonplace or simple and technicians ignore spaces that should be protected. In other words, we refer most specially to gardens and orchards. Through the design of ancient gardens, it is possible for us to understand fundamental aspects of our urban space. Besides that, it is possible for us to perceive how the notion of nature continues to impregnate the Brazilian landscape, which is marked by the binomial production and recreation.

The poetic experience of cultivating the land continues to be a part of life in classified cities, which still hold on strongly to the rural world, especially inside of certain urban complexes. Gardens and orchards are thought of sources of learning and creativity, always stimulating love, intimacy and longing. These sensations and feelings come from living together with nature's attributes. In this context, the dispersal of scents and smells and the striking presence of lights, sounds and tactile sensations stand out.



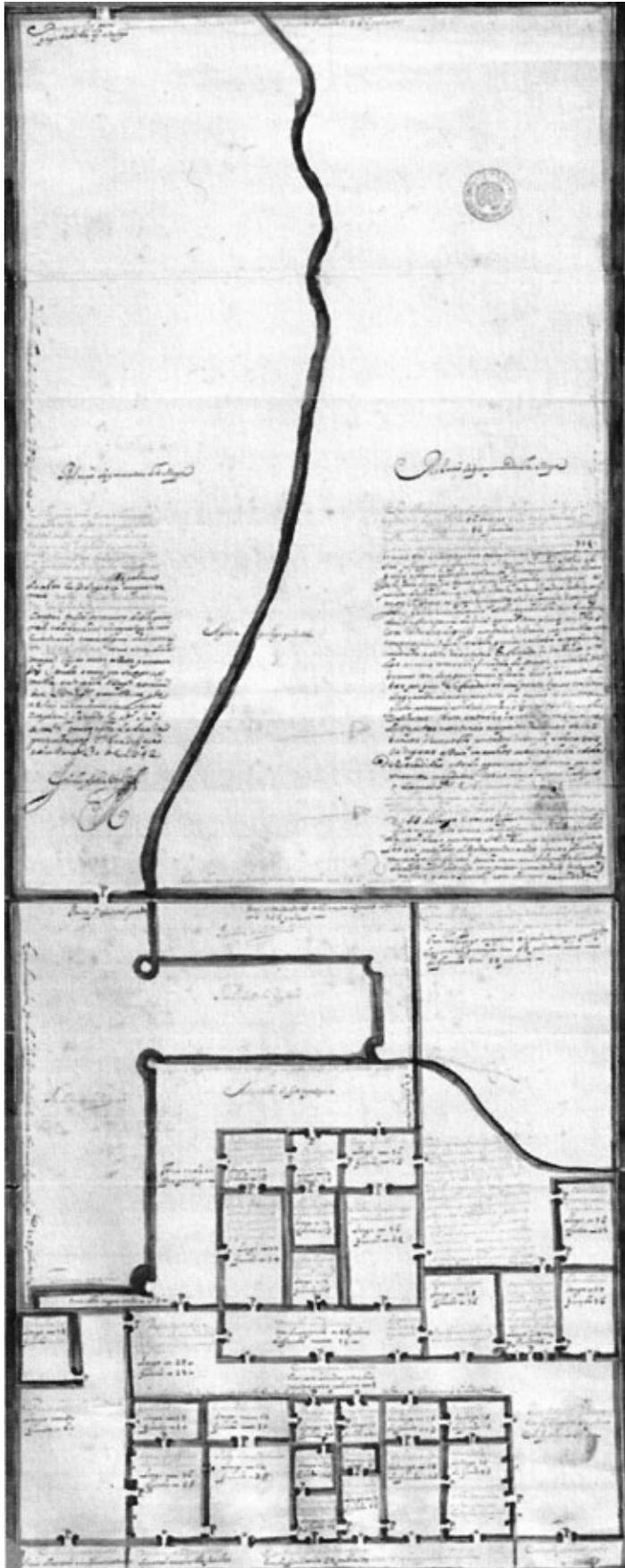
1

2



1 Vista panorâmica de Olinda.
Em primeiro plano, antigo
conjunto jesuíta, atual Seminário
Arquidiocesano, 2005.

2 Quintal de Olinda, árvores com
amplas e densas copas.



3 Residência de José da Silva Valença,
Vila Boa de Goiás. Planta (1742);
manuscrito.

3



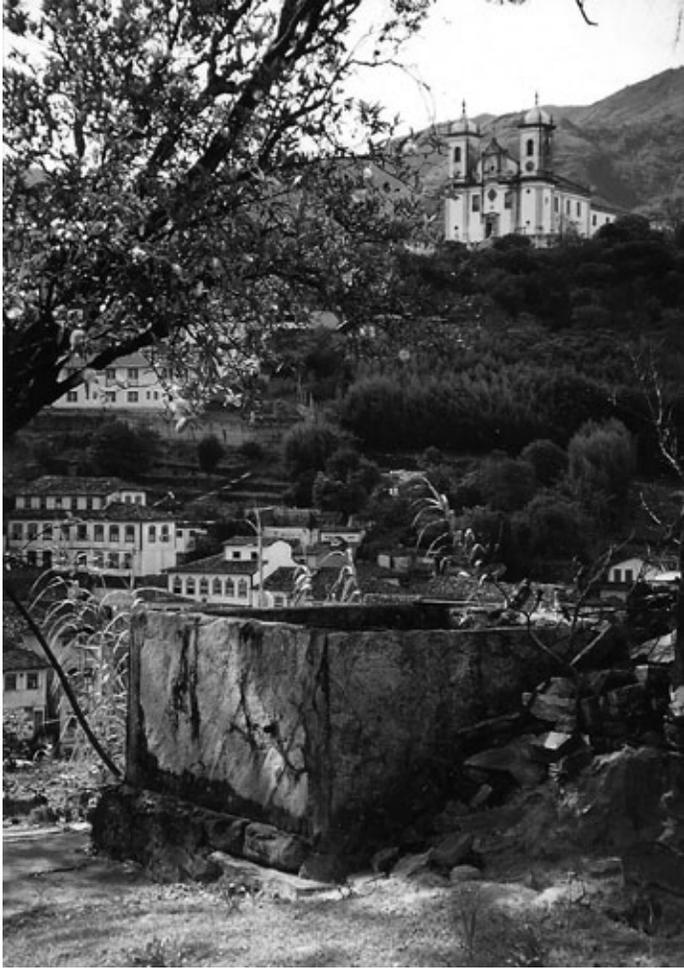
4

5



4 Antiga cacimba de Olinda soterrada, 2003.

5 Ladeira de Santa Efigênia. Prefeitura de Ouro Preto, décadas de 1930-1940.



6 Tanque de rega, quintal de
Ouro Preto, 2006.

6